

TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES ANGOLANOS DA UNILAB: EXPERIÊNCIAS ANTES E DEPOIS DA MIGRAÇÃO PARA O BRASIL¹

Isabel Catarina José²

RESUMO

O presente artigo analisa as trajetórias de estudantes angolanos vinculados à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), especificamente do Campus do Malês, localizado em São Francisco do Conde na Bahia, destacando suas experiências antes e depois da migração para o Brasil. A pesquisa fundamenta-se em entrevistas semiestruturadas aplicadas a dez estudantes angolanos, seis do sexo masculino e quatro do sexo feminino identificados/as por nomes fictícios, visando compreender as condições de vida em Angola, os fatores que motivaram a migração, os desafios de adaptação ao contexto brasileiro e as mudanças ocorridas após o processo migratório. Os resultados demonstram que a busca por educação superior, melhores oportunidades profissionais e mobilidade social foram os fatores centrais que impulsionaram a migração. Além disso, evidenciam-se desafios relacionados à distância familiar, à inserção no mercado de trabalho e à adaptação sociocultural. Conclui-se que a migração estudantil representa não apenas uma estratégia de formação acadêmica, mas também um projeto de transformação social e melhoria das condições de vida.

Palavras-chave: Angola – emigração e imigração; mobilidade social; formação profissional; Unilab – estudantes.

ABSTRACT

This article analyzes the trajectories of Angolan students linked to the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), highlighting their experiences before and after migrating to Brazil. The research is based on semi-structured interviews applied to ten Angolan students, six male and four female, identified by fictitious names, aiming to understand the living conditions in Angola, the factors that motivated migration, the challenges of adapting to the Brazilian context, and the changes that occurred after the migratory process. The results demonstrate that the search for higher education, better professional opportunities, and social mobility were the central factors that drove migration. In addition, challenges related to family distance, insertion into the labor market, and sociocultural adaptation are evident. It is concluded that student migration represents not only a strategy for academic training but also a project of social transformation and improvement of living conditions.

Keywords: Angola – emigration and immigration; social mobility; occupational training; Unilab – students.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andressa de Freitas Ribeiro.

² Licencianda em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo, trata das trajetórias de estudantes angolanos vinculados à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), especificamente do Campus do Malês, localizado em São Francisco do Conde, na Bahia, destacando suas experiências antes e depois da migração para o Brasil. A República de Angola³, é um país africano localizado geograficamente na costa ocidental da África Austral, a sul do Equador, cujo território principal é limitado a norte e a nordeste pela República Democrática do Congo, a leste pela Zâmbia, a sul pela Namíbia e a oeste pelo Oceano Atlântico. Por sua vez, a sua capital é a cidade de Luanda, sendo ela, a maior cidade do país. Além disso, o território possui uma área de 1.246.700km², e ocupa a 7ª posição no ranking dos maiores países de África em termos de extensão.

Segundo informações divulgadas pela Embaixada da República de Angola no Brasil, desde janeiro de 2025 o país passou por uma nova divisão político-administrativa, ampliando o número de províncias de 18 para 21, além de passar a contar com 326 municípios e 378 comunas. As novas províncias criadas foram Ícolo e Bengo, Cuando e Moxico Leste. A medida teve como objetivo fortalecer a descentralização administrativa e ampliar a capacidade de resposta do Estado às demandas das populações locais (Angola, 2025).

Além dessas mudanças administrativas, Angola possui uma população estimada em 36,6 milhões de habitantes, dos quais 51% são mulheres e 49% homens, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2024). No campo econômico, o país destaca-se pela forte dependência da exploração e exportação de petróleo, atividade que constitui a principal base da economia nacional. Ademais, Angola dispõe de importantes recursos minerais, entre os quais se destacam diamantes, minério de ferro, cobre e ouro.

Outrossim, além das características demográficas e econômicas mencionadas, é importante destacar que as relações de cooperação estabelecidas entre Angola e o Brasil contribuíram para a ampliação das oportunidades educacionais destinadas aos jovens angolanos. Nesse contexto, a mobilidade estudantil passou a representar uma alternativa para aqueles que buscavam dar continuidade à formação superior.

É nesse cenário que se insere a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituída pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010 (Brasil, 2010). Criada com o propósito de fortalecer os vínculos entre o Brasil e os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a universidade tornou-se um importante espaço de

formação para estudantes angolanos.

A instituição tem sede no Estado do Ceará e mantém um campus no município de São Francisco do Conde, na Bahia, denominado Campus dos Malês. Ainda neste cenário, o Campus dos Malês configura-se como um relevante núcleo de intercâmbio acadêmico e cultural, reunindo estudantes brasileiros e internacionais oriundos de países da CPLP, como Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique e não só. O ingresso dos estudantes internacionais dá-se pelo Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PSEI), ao passo que os estudantes brasileiros ingressam por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

Atualmente, o campus oferece os cursos de História (Licenciatura), Letras - Língua Portuguesa (Licenciatura), Relações Internacionais (Bacharelado) e Bacharelado em Humanidades. Concluída a formação do primeiro ciclo em Humanidades, os alunos têm a possibilidade de prosseguir para os cursos de segundo ciclo em Pedagogia e em Ciências Sociais. Além da graduação, a instituição disponibiliza o Programa de Pós- Graduação em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África (MEL/Malês). É nesse cenário, que o artigo tem como objeto de análise os estudantes angolanos matriculados com o Campus dos Malês da Unilab, em São Francisco do Conde, na Bahia, visando compreender as experiências de estudantes angolanos antes e depois da migração para o Brasil, analisando suas trajetórias migratórias, econômicas, vivências acadêmicas e os processos de adaptação no ambiente universitário brasileiro.

Neste caso, a pesquisa procura responder à seguinte questão: quais fatores levam a migração de jovens angolanos para o Brasil e de que maneira a migração para fins educacionais tem influenciado as condições de vida e as perspectivas de futuro dos estudantes angolanos (as) da UNILAB, do campus dos Malês, em São Francisco do Conde na Bahia?

A escolha desta temática relaciona-se à crescente importância da mobilidade estudantil internacional no espaço lusófono e à necessidade de ampliar as reflexões sobre as experiências vivenciadas por estudantes africanos no ensino superior brasileiro. Além do valor acadêmico, o artigo é impulsionado por uma trajetória pessoal, pois sendo uma estudante angolana da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB), em São Francisco do Conde, na Bahia, ingressei na instituição em 2021, por meio do Processo Seletivo de Estudantes Internacionais (PSEI), residente no Brasil há mais de três anos e vivenciando a mobilidade estudantil internacional, enfrentando experiências, expectativas e desafios de adaptação semelhantes aos relatados pelos interlocutores (as) deste artigo.

Assim, a opção pelo tema decorre não apenas do interesse científico em analisar os fluxos migratórios estudantis entre Angola e Brasil, mas também da experiência direta das

dinâmicas de inserção social, adaptação cultural e permanência no ensino superior. Essa proximidade em relação ao objeto de estudo me permite uma compreensão mais profunda das narrativas dos interlocutores (as), contribuindo para uma análise sensível das especificidades da realidade vivida pelos estudantes angolanos do Campus dos malês, em São Francisco do Conde, na Bahia.

Os fluxos migratórios internacionais têm assumido crescente relevância no contexto da globalização, especialmente entre jovens que buscam oportunidades educacionais e profissionais em outros países. Entre os diversos tipos de mobilidade humana, a migração estudantil destaca-se como um importante mecanismo de acesso à educação superior e de construção de projetos de vida voltados para a ascensão social, neste sentido

[...] o conceito de “migração” tal como ele é definido nas ciências sociais. O dicionário da língua portuguesa indica que a migração é “o acto de migrar, a ida de um país para outro” . Falando de grupos humanos, essa mudança que é provocada por motivos diferentes, pode ser voluntária ou involuntária e tem por objectivo criar novas possibilidades de existência numa localidade escolhida. Neste contexto Germane Veyret considera “a migração como uma peregrinação temporal ou definitiva de habitantes de um país ou de uma região por motivos profissionais, sociais, económicos ou psicológicos”. (Luansi, 2003, p. 1-2).

No contexto africano, muitos jovens enfrentam dificuldades relacionadas ao desemprego, à desigualdade social e ao acesso limitado ao ensino superior, fatores que frequentemente influenciam a decisão de migrar. Angola, por exemplo, teve sua história marcada pelo regime colonial, sendo considerado como uma das colônias de Portugal.

Esse regime durou aproximadamente 500 anos, e findou em 1975 com a conquista da independência, o que, por sua vez, acabou por marcar, em simultâneo, o surgimento de um sistema educacional que representou, de certa forma, uma ruptura com o modelo colonialista português. Mas, com o nascimento da Primeira República, ainda não se podia falar em um sistema de educação consolidado, como argumenta Ferraz (2018), justamente porque durante o período colonial o sistema educativo tinha um caráter discriminatório, posto que apenas um grupo minoritário tinha acesso à educação. Ademais, constatou-se também que

[...] Angola alcança a independência com uma taxa de analfabetismo em torno de 85%, uma das mais altas globalmente (PNUD-Angola, 2002, p. 26). Esse cenário crítico motivou a recém-formada administração pós-independência a enfatizar a educação, realizando significativos investimentos nessa área e reconhecendo a formação de recursos humanos como crucial para o progresso do país. (Liberato, 2016, p. 7).

Para alcançar tais objetivos, focamos, como escolha metodológica, no uso de uma

abordagem qualitativa, já que, segundo Denzin e Lincoln (2006), a mesma é um tipo de pesquisa que:

Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas e os lembretes... Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas e eles conferem. (Denzin; Lincoln, 2006, p.17)

Além disso, a pesquisa qualitativa, possui abordagem de caráter descritivo e exploratório. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, realizadas com dez estudantes angolanos regularmente matriculados na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, em São Francisco do Conde (BA), com idades compreendidas entre 22 e 30 anos, caracterizando uma amostra composta predominantemente por jovens adultos. Adicionalmente, em relação ao gênero, seis dos interlocutores correspondem ao gênero masculino e quatro das interlocutoras correspondem ao gênero feminino. É importante destacar que a seleção dos interlocutores e interlocutoras buscou contemplar diferentes cursos de graduação e diferentes gêneros, de modo a possibilitar uma maior diversidade de experiências migratórias e acadêmicas.

Neste contexto, foram entrevistados um interlocutor e uma interlocutora do curso de Relações Internacionais, um interlocutor e uma interlocutora do curso de História, um interlocutor e uma interlocutora do curso de Bacharelado em Humanidades, um interlocutor e uma interlocutora de Letras - Língua Portuguesa e de Letras e dois interlocutores do curso de Ciências Sociais. Embora se tenha buscado incluir uma interlocutora do curso de Ciências Sociais, não foi possível realizar essa entrevista durante o período da pesquisa, porque a participação feminina enfrentou obstáculos maiores do que a masculina, várias estudantes contatadas tinham agendas acadêmicas e pessoais bastante cheias, o que dificultou a realização das entrevistas.

A presente pesquisa, não teve como objetivo alcançar representatividade estatística da população estudantil angolana da UNILAB no Campus dos Malês, em São Francisco do Conde (BA), mas compreender, por meio das narrativas dos interlocutores e interlocutoras selecionados, aspectos das experiências de migração, adaptação e permanência no contexto universitário. Para preservar a identidade dos participantes, foram utilizados nomes fictícios ao longo da pesquisa, como: João, Marcos, Inoque, Paulo, Cornélio, Mateus, Sara, Ana, Ester e Marta. Após a realização das entrevistas, os relatos foram transcritos, organizados e

analisados por meio da técnica de análise temática, inserida no campo da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), buscando identificar elementos de interesse vinculados às categorias, as recorrências e significados presentes nos relatos dos interlocutores e interlocutoras.

De acordo com Manzini (2004), o uso de entrevistas, é uma forma de interação social, ou seja, o modo pelo qual busca-se informações, face a face com um entrevistado e que pode ser compreendida como uma conversa orientada com um objetivo, sendo esse estabelecido pelo pesquisador.

O objetivo dessa pesquisa, por sua vez, é analisar as trajetórias de estudantes angolanos da UNILAB, campus dos Malês, destacando suas experiências antes e depois da migração para o Brasil. Além disso, pretende-se compreender as condições de vida dos estudantes em Angola antes da migração, identificar os principais fatores que motivaram a migração, Analisar os desafios de adaptação à sociedade brasileira e investigar as mudanças econômicas, acadêmicas e pessoais decorrentes da experiência migratória.

Outrossim, a relevância desta pesquisa, reside na necessidade de compreender as experiências vividas por estudantes angolanos que migram para o Brasil em busca de formação superior e não só. Apesar da existência de inúmeros trabalhos sobre migração internacional, são ainda escassas as pesquisas que examinam as dificuldades enfrentadas por estudantes africanos, sobretudo angolanos após sua chegada ao Brasil, notadamente no âmbito da UNILAB, em São Francisco do Conde (BA). Assim, o presente estudo pretende visibilizar as trajetórias desses estudantes, destacando aspectos como a distância em relação à família, os problemas de adaptação, a inserção no mercado de trabalho e as restrições financeiras.

Além de contribuir para o debate acadêmico sobre migração e educação, o estudo permite proporcionar uma visão mais crítica e humanizada das vivências desses jovens e ressaltar os entraves que, com frequência, ficam ocultos nas narrativas convencionais sobre migração, tornando visíveis as experiências, os obstáculos e as expectativas desses estudantes. Além disso, destaca os efeitos sociais, econômicos e emocionais gerados pelo processo migratório.

2 CONDIÇÕES DE VIDA EM ANGOLA

A migração internacional pode ser compreendida como consequência das desigualdades econômicas e sociais existentes entre diferentes países. Para Castles e Miller

(2020), os fluxos migratórios atuais estão intimamente vinculados à procura por melhores condições de vida, educação e emprego. Segundo Sayad (1998), a migração deve ser analisada considerando não apenas o local de destino, mas também as condições sociais que levam o indivíduo a deixar seu país de origem. Dessa forma, compreender a trajetória dos estudantes angolanos exige observar as dificuldades enfrentadas em Angola, especialmente no que se refere ao acesso à educação e ao mercado de trabalho.

No campo educacional, Bourdieu (1998) sustenta que a educação se configura como uma relevante modalidade de aquisição de capital cultural, sendo frequentemente utilizada como estratégia de mobilidade social. Para jovens oriundos de grupos socialmente vulneráveis, o ingresso ao ensino superior pode significar uma oportunidade concreta de alterar suas condições de vida.

Os processos migratórios externos em Angola, têm raízes profundas na história do país e refletem as complexas dinâmicas sociais, políticas e econômicas que marcaram sua trajetória. Como a crise econômica que provocou a elevação da pobreza, do desemprego, a evasão de crianças e jovens do sistema de ensino. Esses problemas, além de outros como a corrupção e até perseguições políticas, contribuíram para que os angolanos deixassem e ainda hoje deixem o país. Ademais, esses movimentos migratórios são essenciais para entender os desafios enfrentados pelo país.

Dos entrevistados, setenta por cento relataram que pertenciam às famílias de baixa renda, embora possuíssem acesso às necessidades básicas. Tanto Ana quanto João descreveram sua vida em Angola sendo marcada por rotinas familiares, religiosas e escolares. Após concluir o ensino médio, permaneceram um ano sem estudar devido às dificuldades financeiras da família.

A situação financeira da minha família era muito difícil. Muitas vezes a minha mãe tinha que fazer vários trabalhos para conseguir sustentar a casa e garantir que eu continuasse estudando (Ana, informação verbal, 2026).

havia momentos em que faltavam recursos para algumas necessidades básicas, e a nossa preocupação era sempre conseguir o suficiente para passar o mês todo (João, informação verbal, 2026).

No que tange à condição socioeconômica naquele período, tanto Ana quanto João a caracterizam como baixa, sobretudo em função das dificuldades financeiras vivenciadas por sua família, especialmente pela mãe, que foi a principal referência econômica do núcleo durante grande parte de suas vidas. Em suas palavras, Ana demonstra um cenário marcado por limitações econômicas e pela centralidade do trabalho familiar na garantia das condições

mínimas de subsistência. Ao analisar sua situação socioeconômica naquele intervalo, João a qualifica como precária, ressaltando que enfrentava numerosas adversidades financeiras. Segundo o interlocutor, embora por vezes dispusesse de recursos para atender necessidades imediatas, admite que sua realidade estava distante de oferecer estabilidade econômica ou conforto material.

Por outro lado, vemos Cornélio, Paulo e Sara, apresentando experiências semelhantes, destacando que as oportunidades para jovens de famílias economicamente vulneráveis eram bastante reduzidas e a questão da condição econômica limitava suas perspectivas de crescimento profissional. Como afirma Ladislau (2019, p. 10),

Atualmente pode-se falar de uma quarta fase de emigração dos angolanos, que teve início em meados de 2015, motivada pela queda do preço do petróleo no mercado internacional. Salientes que 95% do orçamento do Estado angolano é dependente destas receitas. Portanto, esta crise econômica levou ao aumento da pobreza e do desemprego, a falta de medicamentos nos hospitais, ao aumento da taxa de mortalidade infantil, [...]

Os relatos dos (as) interlocutores (as) mostram como a pobreza e falta de oportunidades no país impulsionaram suas migrações. Um dos temas mais recorrentes nas entrevistas foi a falta de oportunidades para os jovens em Angola. Os (as) interlocutores (as) relataram experiências com pequenos negócios familiares, como venda de frutas, salgadinhos, caramelo/brigadeiro e outros produtos para conseguirem se sustentar diante da falta de oportunidades. Segundo Marta (informação verbal, 2026),

Mesmo diante das dificuldades, a minha família sempre buscou garantir o básico para nossa sobrevivência e educação. Meu pai, por exemplo, que anteriormente atuava como engenheiro mecânico, passou a exercer múltiplas funções no Hospital das Madres, trabalhando como eletricitista, mecânico e segurança para sustentar a família. A minha mãe, por sua vez, trabalhava no comércio informal, vendendo eletrodoméstico ou frutas, para complementar a renda familiar.

O relato evidencia o papel crucial do setor informal como instrumento de geração de renda e de mitigação das vulnerabilidades socioeconômicas. Conforme aponta Ngunga (2026), na trajetória recente de Angola, especialmente durante e após a guerra civil, a economia informal serviu como um relevante meio de subsistência para muitas famílias, atuando como estratégia para criação de emprego, obtenção de renda e redução das situações de vulnerabilidade social.

Dessa forma, a participação da mãe de Marta no comércio informal não constitui um caso isolado, mas insere-se em uma dinâmica amplamente disseminada na sociedade

angolana, na qual as atividades informais são essenciais para a preservação das condições de vida familiares. Como salientam Ernesto e Capilo (2018), o setor informal representa um segmento significativo da vida econômica e social de Angola, sendo responsável pela sobrevivência de parcela considerável da população excluída do mercado de trabalho formal. Não obstante, conforme ressalta Cunha (2008), ao examinar a produção de Rodrigues, a economia informal em Angola não se explica exclusivamente pelo desemprego ou pela precariedade econômica, trata-se também de um campo onde se elaboram estratégias sociais, se operam adaptações e se exerce resistência frente às restrições do contexto socioeconômico.

A fala de João é semelhante a fala de Marta ao apontar o trabalho informal, sem apoio estatal, como única possibilidade de sobrevivência. Ele diz:

A minha trajetória foi marcada por múltiplas experiências de trabalho, majoritariamente em ocupações informais ou de baixa estabilidade. Nos anos de 2015 e 2016, atuei como barbeiro, 2017 fiquei desempregado e em 2018 até 2019, voltei a trabalhar, mas como auxiliar de limpeza. (João, informação verbal, 2026).

Outro interlocutor menciona que,

Desenvolvia atividades laborais, ligadas ao setor de limpeza urbana, atuei como cantoneiro de recolha, função que envolvia a reposição de contentores de resíduos sólidos, supervisão de equipes de limpeza e, em determinado momento, o trabalho direto na coleta de resíduos, realizando atividades de grande esforço físico (Matias, informação verbal, 2026).

Em relação às oportunidades de crescimento profissional e social, as (os) interlocutoras(es), como, Inoque, Marcos, Ester e Ana, demonstraram uma visão crítica acerca das limitações estruturais existentes em Angola. Segundo suas percepções, as possibilidades de ascensão estavam fortemente concentradas na capital, Luanda, e, em muitos casos, condicionadas a vínculos político-partidários ou ao pertencimento a determinadas redes de influência. Como pontua uma das interlocutoras,

A questão da monopolização das oportunidades era algo muito comum e também era um dos principais obstáculos para o crescimento profissional em Angola, pois o sistema de “padrinhos na cozinha” favorecia determinados grupos. (Sara, informação verbal, 2026).

Tal cenário reforçava sentimentos de desigualdade de oportunidades entre os jovens e contribuía para a percepção de que o mérito individual nem sempre era suficiente para garantir mobilidade social ou inserção qualificada no mercado de trabalho. De modo análogo, Oliveira

(2011) sustenta que a juventude angolana tem sido profundamente atingida pelos efeitos das crises socioeconômicas pelas quais o país passou, as quais favorecem a reprodução da pobreza e das desigualdades sociais. Na mesma linha, Tati (2009) salienta que os jovens angolanos estão entre os segmentos mais expostos às disparidades econômicas e sociais, sofrendo restrições no acesso a bens, serviços e oportunidades de desenvolvimento.

Essas circunstâncias ajudam a elucidar os depoimentos dos interlocutores, que com frequência vinculam a educação e a migração internacional à possibilidade de construir trajetórias com melhores perspectivas de vida e de inserção profissional. Assim, os relatos analisados demonstram que, apesar da escolarização ser vista como uma via de ascensão social, as chances efetivas de mobilidade continuam condicionadas por aspectos estruturais ligados à desigualdade social e às limitações do mercado de trabalho em Angola.

Apesar de alguns interlocutores considerarem a condição econômica familiar relativamente estável, os mesmos, ressaltam que, as oportunidades de crescimento profissional em Angola eram extremamente limitadas para pessoas de baixa renda.

Segundo eles(as), a falta de empregabilidade e o elevado índice de desemprego sempre foram fatores que os(as) incomodaram profundamente, sobretudo ao observar jovens sobrevivendo por meio de trabalhos informais nas ruas. Para as interlocutoras (es), a migração surgiu como uma estratégia de mobilidade social e busca por melhores condições de vida.

Embora reconheçam a importância dessas atividades para a sobrevivência, eles(as) demonstraram insatisfação com a escassez de empregos formais e com as elevadas taxas de desemprego juvenil. Os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) confirmam esse quadro, pois de acordo com o Inquérito ao Emprego em Angola, a taxa de desemprego dos jovens de 15 a 24 anos chegou a 54,3% no primeiro trimestre de 2025. Ademais, a taxa de informalidade da população empregada, alcançou 80,8% entre os ocupados, demonstrando a relevância das atividades informais na composição do mercado de trabalho angolano.

3 MOTIVOS DA MIGRAÇÃO

As narrativas dos entrevistados indicam que a escolha por migrar para o Brasil decorreu, sobretudo, da busca por maiores oportunidades no âmbito educacional, profissional e de mobilidade social. De acordo com Ladislau (2019, p. 1-2),

[...] no caso particular de Angola, as motivações migratórias dos quadros angolanos,

para além da guerra civil (que agitou o país) e as recentes perseguições políticas, devem-se essencialmente às “questões socioeconômicas”, procura de melhores condições de ensino [...]

De forma geral, os participantes destacaram as limitações estruturais em Angola, em particular no que se refere ao acesso ao ensino superior, às dificuldades econômicas e à escassez de possibilidades de ascensão social. Além do mais, a educação assume um papel ambivalente nesse cenário, pois se por um lado constitui uma relevante via de mobilidade social e expansão de oportunidades, por outro pode perpetuar desigualdades preexistentes, beneficiando alunos com mais recursos econômicos e culturais. Conforme evidenciam Bourdieu e Passeron (2014), os sistemas de ensino tendem a favorecer grupos socialmente privilegiados, impondo barreiras mais acentuadas a quem provém de contextos socioeconômicos vulneráveis.

Para muitos, a incapacidade de ingressar ou manter-se na universidade por motivos financeiros transformou a migração numa alternativa plausível para dar continuidade à formação acadêmica. Soma-se a isso, a oportunidade que muitos dos (as) interlocutores (as) tiveram ao cursar os estudos na UNILAB, no Campus dos Malês em São Francisco do Conde, na Bahia, instituição que foi mencionada com frequência como um ponto de virada nas suas trajetórias, sendo vista como uma oportunidade concreta de mudança pessoal, profissional e econômica.

Ainda que, alguns (as) interlocutores (as) relatarem que o Brasil não era, a princípio, o destino pretendido, a oportunidade de cursar o ensino superior fora do país foi avaliada como mais relevante do que o próprio destino migratório. Outros ressaltaram que a opção pelo Brasil se relacionou à afinidade linguística e cultural entre ambas as nações, ao contato anterior com a cultura brasileira e ao reconhecimento da qualidade da formação universitária do Brasil no âmbito da lusofonia.

Ao olharmos para o sistema educacional em Angola, vemos que este passou por diversas etapas ao longo de sua trajetória. Neves (2016), por exemplo, aponta que, após a conquista da independência de Angola, foram criadas novas diretrizes e metas para a educação.

Neste caso, a educação aparece como elemento central nas trajetórias dos interlocutoras (as). Os próprios entrevistados atestam que, após a conclusão do ensino médio, enfrentaram dificuldades para ingressar no ensino superior, precisaram aguardar entre um e dois anos para conseguir uma oportunidade de acesso à universidade, seja por limitações financeiras, seja pela reduzida oferta de vagas. Alguns chegaram a iniciar cursos superiores,

mas foram obrigados a interromper os estudos devido às dificuldades econômicas da família.

Não obstante, a maioria dos (as) interlocutores (as) tenham relatado dificuldades para entrar na universidade, sobretudo por restrições financeiras e falta de oportunidades, uma minoria declarou não ter enfrentado barreiras relevantes nesse percurso. Uma parcela desses estudantes entrou no ensino superior logo após concluir o ensino médio. Como afirma João, “cursava o segundo ano de Jornalismo na Universidade Metropolitana e trabalhava na empresa Zap, onde exercia a função de gestor de clientes, atuando no atendimento telefônico” (João, informação verbal, 2026)

Marcos também afirma que:

Após concluir o ensino médio, ingressei para o ensino superior e, estava a fazer o terceiro ano de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa em Angola, na Província/Estado do Bengo, neste caso, já possuía uma trajetória acadêmica consolidada antes da migração (Marcos, informação verbal, 2026).

Por outro lado, a minoria dos (as) interlocutores (as) declararam ter encontrado obstáculos para ingressar no ensino superior e que um dos motivos está atrelado a questão dos problemas vinculados à situação financeira familiar e à limitada oferta de oportunidades educacionais. Essas adversidades afetaram de modo direto seus percursos acadêmicos, fazendo com que alguns estudantes adiassem a continuidade dos estudos.

Terminei o ensino médio, mas as dificuldades financeiras da minha família sempre foram um grande obstáculo para a continuidade dos meus estudos. Havia momentos em que a preocupação com as condições econômicas da casa era maior do que a possibilidade de pensar ingressar na universidade. Por isso, muitas vezes precisei priorizar o trabalho para ajudar a suprir as necessidades básicas da família (Paulo, informação verbal, 2026).

De acordo com o interlocutor, os problemas financeiros vivenciados pela família geravam apreensões constantes e o fizeram priorizar o trabalho como meio de suprir as necessidades básicas do lar. Nesse cenário, o acesso ao ensino superior passou a ser secundário frente às demandas de sobrevivência do dia a dia.

Cheguei a ingressar no ensino superior, mas não consegui concluir, pois tive que parar logo com os estudos no primeiro ano da faculdade, porque a situação financeira da minha família se agravou e já não havia condições para custear a minha formação acadêmica (Ester, informação verbal, 2026).

Conforme afirma a interlocutora, a falta de recursos para custear a formação acadêmica resultou na suspensão de seus estudos, demonstrando como as condições

financeiras podem inviabilizar a permanência no ensino superior. Ambos descrevem que as dificuldades econômicas foram um elemento decisivo nas trajetórias educacionais dos participantes, condicionando suas chances de ingresso, continuidade e conclusão do ensino superior.

A interlocutora não pôde concluir os cursos devido à crise econômica que afetou sua família. A falta de recursos para custear a formação acadêmica resultou na suspensão de seus estudos, demonstrando como as condições financeiras podem inviabilizar a permanência no ensino superior. Os depoimentos mostram que as dificuldades econômicas foram um elemento decisivo nas trajetórias educacionais dos participantes, condicionando suas chances de ingresso, continuidade e conclusão do ensino superior.

Os (as) interlocutores(as) também destacaram que a oportunidade de estudar na UNILAB representou uma possibilidade concreta de dar continuidade aos estudos e construir novas perspectivas profissionais. Esse aspecto reforça a compreensão de Bourdieu (1998) sobre o papel da educação como instrumento de mobilidade social. Essas observações corroboram com as considerações de Cassinela (2020), que aponta que, apesar do crescimento do ensino superior em Angola nas últimas décadas, continuam a existir entraves quanto à democratização do acesso, à manutenção dos estudantes no sistema e à diminuição das desigualdades educacionais. De forma análoga, Carvalho (2012) salienta que a expansão do ensino superior angolano ocorreu acompanhada de dificuldades relacionadas à garantia de igualdade de oportunidades e à permanência de estudantes oriundos de segmentos sociais mais vulneráveis.

Além dos motivos educacionais, alguns entrevistados atribuíram sua saída de Angola às dificuldades socioeconômicas e políticas vivenciadas no país. Conforme seus depoimentos, a escassez de oportunidades de trabalho, as dificuldades de inserção profissional e a ausência de perspectivas de ascensão social favoreceram a elaboração de projetos migratórios pautados na expectativa de melhores condições de vida. Essa percepção encontra respaldo nos dados do Instituto Nacional de Estatística de Angola (INE, 2025), que evidenciam a persistência de desafios relacionados ao desemprego e à informalidade no mercado de trabalho angolano, especialmente entre os jovens. Entre os entrevistados, Matias destacou especialmente os obstáculos encontrados para a inserção profissional em Angola:

Durante esse período, as oportunidades eram limitadas e muitas vezes permitidas mais por falta de alternativas do que por reconhecimento do mérito, com vagas reservadas a grupos específicos ou pessoas influentes. Os demais enfrentavam recursos escassos e dificuldades constantes, mesmo quando se esforçavam para atingir suas metas, encontrando inúmeros obstáculos ao longo do caminho (Matias,

informação verbal, 2026).

Em determinadas situações, as redes de amizade e os contatos já estabelecidos com estudantes que viviam no Brasil também tiveram papel decisivo no acesso às informações e na concretização do processo migratório. Adicionalmente, percebe-se que a migração estudantil ultrapassa a dimensão exclusivamente acadêmica, constituindo-se como uma estratégia de construção de futuro, ampliação de oportunidades e busca por mobilidade social, especialmente entre jovens provenientes de contextos marcados por limitações econômicas e educacionais.

Desse modo, os relatos demonstram que os fatores econômicos e educacionais foram os principais motivadores da migração e, embora o Brasil não fosse necessariamente o destino inicialmente planejado, a oportunidade oferecida pela UNILAB foi considerada decisiva para a concretização do projeto migratório.

4 ADAPTAÇÃO NO BRASIL

A adaptação ao Brasil foi, predominantemente, avaliado de forma positiva, a maior parte dos(as) interlocutores (as) afirma ter conseguido adaptar-se relativamente bem ao contexto brasileiro, destacando fatores facilitadores como a proximidade linguística, as semelhanças culturais entre Angola e Brasil e a receptividade encontrada nos espaços acadêmicos e sociais; sem grandes dificuldades, considerando o Brasil, especificamente a Bahia, em São Francisco do Conde, como um ambiente favorável para a continuidade dos estudos e para a construção de novos projetos de vida. Porém, alguns (as) interlocutores (as) relataram que o processo de adaptação foi marcado por desafios significativos, especialmente nos primeiros anos após a chegada ao solo brasileiro, como ilustra Sara, em sua fala:

Considero o Brasil (São Francisco do Conde/ BA) um país receptivo e sinto-me à vontade vivendo aqui, pois desde a minha chegada, uma das primeiras coisas que mais me impressionou foi a sensação de liberdade que encontrei em São Francisco do Conde. Também apreciei bastante a organização urbana, as ruas limpas e a ausência daquela poeira excessiva que fazia parte do meu dia a dia em Angola. Esses aspectos ajudaram para que eu me sentisse mais confortável e adaptada ao novo cenário” (Sara, informação verbal, 2026).

Todavia, nem todos (as) interlocutores (as) descreveram uma adaptação sem contratempos. Para alguns, a adaptação foi marcada por grandes desafios, especialmente nos

primeiros dois anos, após a vinda ao Brasil. Praticamente todos os (as) interlocutores (as) mencionaram a saudade dos familiares como uma das maiores dificuldades da experiência migratória. Ademais, entre os principais obstáculos mencionados estão as dificuldades financeiras, a necessidade de reorganizar a rotina em um contexto desconhecido e a responsabilidade de administrar a própria vida longe da família. Como bem pontua Cornélio,

O mais difícil foi aprender a viver longe da minha família e lidar sozinho com responsabilidades que antes eram compartilhadas. Houve momentos em que as dificuldades financeiras e a saudade tornaram o processo de adaptação bastante complicado, até ao ponto de quase desistir (Cornélio, informação verbal, 2026).

De modo geral, embora a maioria dos estudantes tenha avaliado positivamente sua experiência migratória, o processo de adaptação variou devido às diferenças econômicas, de apoio e trajetórias pessoais de cada um. Essa diversidade reflete a complexidade dos processos migratórios estudantis, influenciados por fatores sociais, econômicos, emocionais, profissionais, culturais e pelas redes de apoio no país de acolhimento, resultando em experiências variadas e diferentes níveis de integração na nova sociedade. E isso dialoga com as observações de Cruz e Peres (2020), que ressaltam a influência de fatores sociais, econômicos e culturais, além das redes de apoio estabelecidas no país de acolhimento, sobre os processos de adaptação e integração dos migrantes. Marcos, por exemplo, diz: “hoje já consigo integrar aspectos da cultura brasileira sem perder a sensação de ser angolana. Aprendi bastante aqui, porém mantenho os costumes, hábitos e valores que trouxe do meu país” (Marcos, informação verbal, 2026).

Tal vivência confirma a posição de Hall (2006), para quem as identidades não são estáticas nem imutáveis, mas se recriam continuamente por meio das interações sociais e culturais experienciadas pelos indivíduos.

A impossibilidade que muito têm de visitar Angola com frequência, devido ao alto custo das passagens aéreas, foi apontada como um fator que intensifica sentimentos de solidão e afastamento. Alguns (as) entrevistados (as) também descreveram o sofrimento causado pela perda de familiares durante o período de sua estadia no Brasil, sem condições financeiras de retornar para Angola para acompanhar esses momentos. Destarte, os depoimentos anteriores, evidenciam que a migração envolve não apenas transformações econômicas e acadêmicas, mas também impactos emocionais significativos.

Além de muitos estudantes terem reconhecido que a oportunidade de estudar na UNILAB, em São Francisco do Conde, na Bahia, representou uma importante conquista

acadêmica, diversos depoimentos apontaram que a permanência no país nem sempre ocorreu em condições ideais. Nos primeiros anos da migração, alguns participantes enfrentaram limitações financeiras que dificultavam o acesso a uma moradia confortável e estável, sendo necessário compartilhar residência (em uma kitinet, residiam mais de 2 pessoas) com outros estudantes ou adaptar-se a condições mais modestas. Essas dificuldades refletem os desafios cotidianos da vida estudantil, especialmente para aqueles que dependem de bolsas e auxílios.

Neste sentido, os mesmos não destacaram desafios relacionados à inserção no mercado de trabalho, pois muitos afirmaram não ter um emprego, sendo uma tarefa difícil conciliar os estudos com o trabalho, sobretudo em São Francisco do Conde, onde a maior parte dos empregos exige experiência profissional prévia e alta carga horária de trabalho. Para diversos (as) entrevistados (as), a vida universitária passou a ser acompanhada por novas responsabilidades, incluindo a gestão das despesas pessoais, alimentação, moradia e organização financeira. Apesar dessas dificuldades, a maioria considera que a experiência no Brasil contribuiu para o desenvolvimento de maturidade, da autonomia financeira, do desenvolvimento pessoal e da capacidade de enfrentar desafios de forma independente.

5 MUDANÇAS ECONÔMICAS E PESSOAIS

Após a migração, os relatos indicam melhorias nas condições de vida, muitos deles afirmam possuir maior independência financeira e melhores condições alimentares. Pois, para uns, houve uma alteração quanto a questão de sua alimentação comparando com alimentação que tinha em Angola, isto é, antes da migração. Elas (es) também falam da capacidade de contribuir economicamente com as suas famílias em Angola.

Em relação à alimentação, os relatos demonstraram experiências distintas, pois alguns (as) interlocutores (as) afirmaram que, em Angola, apesar das limitações econômicas, suas famílias conseguiam garantir o básico para a subsistência, já no Brasil, embora tenham conquistado maior autonomia para escolher e organizar sua própria alimentação, muitos destacaram que a gestão dos recursos financeiros influencia diretamente a qualidade e a diversidade dos alimentos consumidos.

“Então, a escolha do que comer depende muito do dinheiro que temos disponível, para ver se vamos priorizar a questão da moradia ou o que o orçamento permite em vez do desejo de comer” (João, informação verbal, 2026).

Embora alguns estudantes tenham adquirido maior autonomia alimentar após

migração, suas condições continuam sendo condicionadas pelas suas limitações econômicas, influenciando assim, tanto a qualidade quanto a diversidade dos alimentos.

Porém, para maioria dos (as) interlocutores (as), houve alteração quanto a questão da alimentação, comparando com alimentação que tinham em Angola. Assim, a moradia e a alimentação aparecem, nos depoimentos dos mesmos, como elementos centrais da experiência migratória, evidenciando que o acesso ao ensino superior no exterior envolve não apenas desafios acadêmicos, mas também a necessidade constante de construir estratégias de sobrevivência e permanência.

Apesar dos desafios, as expectativas dos(as) estudantes angolanos(as) entrevistados(as) estão relacionados à conclusão da educação superior, inserção no mercado de trabalho, melhoria econômica e auxílio às famílias. Eles(as) veem a educação como ferramenta para alcançar estabilidade e superar limitações socioeconômicas, com planos de conquistar independência financeira, avançar nos estudos e contribuir para seus entes queridos, além de considerarem a possibilidade de retornar para Angola ou estabelecer suas carreiras no Brasil ou em outros países.

Essas perspectivas se alinham com a teoria de Pierre Bourdieu (1986), que destaca o papel da educação na aquisição de capital cultural e social para mobilidade social. É importante destacar que, a migração, não é vista somente como uma estratégia para ampliar recursos e oportunidades ausentes no país de origem, mas também é marcada por expectativas de melhorar socialmente, embora também envolva custos emocionais como saudade e dificuldades de adaptação, evidenciando as complexidades do fenômeno migratório (Sayad, 1998). Dessa forma, a migração estudantil é percebida como um importante instrumento de mobilidade social e transformação das condições de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas revela que a migração de estudantes angolanos para o Brasil ocorre principalmente pela busca por acesso ao ensino superior, melhores oportunidades profissionais e mobilidade social, motivada pelas limitações em Angola, dificuldades econômicas e desejo de um futuro promissor. Apesar dos desafios, como a distância da família, dificuldades financeiras, adaptação cultural e condições de moradia, a experiência traz impactos positivos na trajetória pessoal, acadêmica e profissional desses jovens.

Essa análise está atrelada com as abordagens de Cassinela (2020), quando destaca os

desafios presentes na democratização do acesso ao ensino superior angolano, bem como com as reflexões de Lukombo (2004) que aponta que as dificuldades do mercado de trabalho, a escassez de oportunidades de emprego e a subutilização das qualificações constituem problemas persistentes na realidade angolana. Além disso, os dados sobre desemprego e trabalho informal em Angola indicam que muitos jovens encontram obstáculos para transformar a escolarização em oportunidades de ascensão social, reforçando a busca por alternativas educacionais e profissionais no exterior.

É essencial destacar, que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), o caso específico dessa pesquisa, o campus dos Malês, por exemplo, desempenha um papel importante por meio de sua política, ao dar oportunidade para estes estudantes de países que fazem parte da CPLP, sobretudo Angola, terem acesso à educação e, assim, contribuem com o seu crescimento profissional. Essa mobilidade estudantil é vista como estratégia de ascensão social, alinhada às ideias de Bourdieu (1986) sobre educação como mecanismo de aquisição de capital cultural.

No entanto, os depoimentos também mostram contradições, com a migração trazendo esperança, mas também desafios emocionais, afetivos e materiais, refletindo que a experiência é complexa e exige esforços constantes de adaptação. Contudo, a pesquisa demonstra que a mobilidade estudantil, não pode ser compreendida apenas como uma escolha individual, mas também como resultado das desigualdades educacionais, da falta de políticas de apoio que se traduzem dificuldades das mais diversas ordens e das limitações socioeconômicas que continuam a marcar as trajetórias de muitos jovens em Angola.

REFERÊNCIAS

ANGOLA. Ministério das Relações Exteriores. **Nova divisão político-administrativa de Angola**. Brasília: Embaixada da República de Angola no Brasil, 2025. Disponível em: <https://brasil.mirex.gov.ao/web/noticias/nova-divisao-politica-administrativa>. Acesso em: 8 jun. 2026.

ANGOLA. **Nova divisão político-administrativa da República de Angola**. Luanda: Governo da República de Angola, 2025. Disponível em: <https://consuladogeral-angola.pt/wp-content/uploads/2025/02/Divisao-Politica.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2026.

AZANCOTE, Maria da Conceição. **Formação e valorização dos professores em Angola**. Luanda: Ministério da Educação, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **As formas de capital**. In: RICHARDSON, John G. (org.). Teoria e pesquisa para a sociologia da educação. Tradução de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani.

Petrópolis: Vozes, 1998. p. 183-198.

BOURDIEU, Pierre. **O capital social: notas provisórias**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Paris, n. 31, p. 2-3, 1980.

BRASIL. Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. **Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 jul. 2010.

CARVALHO, Paulo de. **Evolução e crescimento do ensino superior em Angola**. Revista Angolana de Sociologia, Luanda, n. 9, p. 51-68, 2012.

CARDOSO, Michele Gonçalves; MENDES, Marina Kikusa. **Mercado informal em Luanda e as políticas públicas sociais para mulheres em situação de vulnerabilidade, no período da Covid-19 (2020-2022)**. *Latitude*, Maceió, v. 18, n. 1, p. 134-155, jan./jun. 2024.

CASSINELA, Osvaldo Israel Salumbongo. **Democratização da educação superior em Angola: inclusão e sucesso acadêmico**. Research, Society and Development, v. 11, n. 9, e44311932080, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.32080>.

CRUZ, Wydglan da Silva; PERES, Alexandre José de Souza. **Migração haitiana e trabalho: indicadores de adaptação e integração**. Travessia – Revista do Migrante, São Paulo, n. 87, p. 115-134, 2020.

CUNHA, Daniel de Oliveira. **Relações entre o trabalho “informal” e o trabalho assalariado em Angola**. Resenha do livro: RODRIGUES, Cristina Udelsmann. O trabalho dignifica o homem: estratégias de sobrevivência em Luanda. Lisboa: Colibri, 2006. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 86, p. 177-181, 2009.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **A era das migrações: movimentos internacionais de população no mundo moderno**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Indicadores de emprego e desemprego: Inquérito ao Emprego em Angola – 1.^a edição**. Luanda: INE, 2021.

Disponível em:

https://www.ine.gov.ao/Arquivos/arquivosCarregados/Carregados/Publicacao_637745721534282470.pdf. Acesso em: 8 jun. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Indicadores sociais e económicos de Angola**. Luanda: INE, 2025. Disponível em:

https://www.ine.gov.ao/Arquivos/arquivosCarregados/Carregados/Publicacao_638818216020879065.pdf. Acesso em: 8 jun. 2026.

LADISLAU, Emílio Batista. **O impacte da “fuga de cérebros” no desenvolvimento de Angola: um estudo sobre as experiências e as motivações de emigrantes angolanos.** 2019. Tese (Doutorado em Estudos Culturais) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2019.

LIBERATO, Ermelinda. **Educação em Angola: desafios e perspectivas após a independência.** Luanda: Universidade Agostinho Neto, 2016.

LUANSI, José. **Migração: conceitos e perspectivas nas ciências sociais.** Luanda: [s.n.], 2003.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros.** Marília: UNESP, 2004.

NZATUZOLA, João Baptista Lukombo. Desemprego e crise social em Luanda: um esboço sobre alguns aspectos referentes à população e ao mercado de trabalho In: **CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, 8, 2004, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, p.33, 2004.

NEVES, António. **Políticas educacionais em Angola no período pós-independência.** Luanda: Ministério da Educação, 2016.

NETO, Pedro Ivanov Guilherme; SILVA, Cristiano de Assis. **Desemprego: causas e consequências.** Absolute Review, v. 13, dez. 2022.

NGUNGA, Eurico Josué. **Economia informal e desemprego em Angola: a trajetória dos seus agentes.** Revista Alba, v.2, n. 10, jan. 2026. ISSN: 3006-2470.

PAULA, Maria José de. **Formação de professores e políticas educacionais em Angola.** Revista Educação e Políticas Públicas, v. 5, n. 2, p. 107-123, 2017.

PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano: Angola.** Luanda: PNUD, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Sobre a UNILAB.** Redenção: UNILAB, 2026. Disponível em: <https://unilab.edu.br/sobre-a-unilab/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

VEYRET, Germane. **Geografia da população.** Lisboa: Edições 70, 1982.